



## EXPRESSÕES CULTURAIS: AS ÁFRICAS ENTRE AS QUATRO LINHAS



### *Ganhar na África ou ganhar o mundo? O futebol africano em 2022*

*Por Antonio Gomes de Jesus Neto*



*Antonio Gomes de Jesus Neto*

Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana (PPGH) da Universidade de São Paulo (USP)

Membro do GeoÁfrica

<https://orcid.org/0000-0001-7483-7274>

[antoniogjneto@yahoo.com.br](mailto:antoniogjneto@yahoo.com.br)

Como citar

JESUS NETO, Antonio Gomes. Ganhar na África ou ganhar o mundo? O futebol africano em 2022.

**Boletim GeoÁfrica**, v. 1, n. 3, p. 133-138, jul.-set. 2022

*Quem é Antonio Gomes de Jesus Neto?* Bacharel e Mestre em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP), atualmente é doutorando no Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana (PPGH) da mesma instituição, estudando a circulação Brasil-África. Durante a graduação (entre 2008/2009), viveu em Maputo, Moçambique, onde assistiu seu primeiro CAN e desenvolveu um carinho especial pelos Mambas (apelido da seleção moçambicana de futebol, à qual teve a sorte de ver jogar no mítico estádio da Machava, palco da independência do país em 1975). Desde então, tenta acompanhar o futebol africano à distância, e entusiasta da tradição dos estudos sobre futebol no Brasil, também tenta pensa-lo dentro do quadro social, político, econômico e cultural do continente.



O ano de 2022 tem sido especial para o futebol africano de seleções. No início do ano, entre janeiro e fevereiro, a Copa Africana de Nações (CAN) reuniu 24 seleções do continente após uma dura pré-seleção qualificatória, que deixou de fora 30 das 54 seleções filiadas à Confederação Africana de Futebol (CAF). Paralelamente, coube também ao ano de 2022 (mais especificamente ao mês de março) a realização da rodada final das eliminatórias africanas para a Copa do Mundo (a ser realizada entre novembro e dezembro no Catar), com as 10 seleções sobreviventes (dentre as 54 iniciais) disputando 5 vagas no torneio.

A definição dos dois campeonatos (indiscutivelmente os mais importantes para qualquer seleção africana) em um intervalo de 3 meses, suscitou um acalorado debate entre os aficionados pelo futebol do continente: o que seria mais importante? Ganhar o CAN, para muitos a única possibilidade real de uma seleção africana obter um título internacional? Ou se classificar para a Copa do Mundo, o principal torneio de seleções do planeta (apesar da improvável chance de uma seleção do continente conquista-la)? Em suma, valeria mais a pena, para uma seleção africana, ganhar na África ou ganhar o mundo?

Tal dilema, de contornos existenciais, teve sua materialização em 2022 na repetição de um duelo de titãs para definir os rumos das duas competições: Senegal e Egito, duas das mais fortes seleções africanas, com os dois maiores jogadores africanos da atualidade (Sadio Mané e Mohamed Salah), se enfrentaram em fevereiro na final do CAN, e em março disputaram diretamente uma das cinco vagas para a Copa do Mundo (Foto 1). Antes de contar o final dessa história, porém, é importante dizer que este confronto foi também bastante simbólico da atual situação regional e cultural do futebol africano de seleções na atualidade, merecendo por isso uma discussão mais acurada nos próximos parágrafos.

Foto 1: Sadio Mané (de verde) e Mohamed Salah (de vermelho) disputando uma vaga na Copa do Mundo



Autor: Khaled Desouki (AFP), retirado de <https://www.lance.com.br/futebol-internacional/mane-no-qatar-senegal-vence-o-egito-nos-penaltis-e-garante-a-classificacao-para-a-copa-do-mundo.html>

135

As 54 seleções africanas filiadas à CAF são divididas, segundo o sítio eletrônico da instituição<sup>1</sup>, em 6 grandes zonas (Norte, Oeste A, Oeste B, Central, Centro-Leste e Sul), cada uma delas com números distintos de integrantes (Mapa 1). A zonas Centro-Leste e Sul, por exemplo, tem juntas 25 integrantes, mas só conseguiram classificar 5 representantes (somados) para o CAN<sup>2</sup>. Por sua vez, a região Norte, sozinha, classificou 4 de seus únicos 5 integrantes<sup>3</sup>, enquanto as regiões Oeste A e B, com 16 integrantes somados, classificaram nada menos do que 12 deles<sup>4</sup>. Considerando que Camarões, Gabão e Guiné Equatorial, representantes da região Central, fazem parte do Golfo da Guiné, é possível dizer que, na prática, o CAN é um torneio que põe em disputa basicamente seleções da África do Norte e Ocidental, com o Leste e Sul do continente claramente sub-representados na disputa. Trazendo a discussão para as eliminatórias para a Copa do Mundo, dentre as 10 seleções africanas que ficaram para a rodada final, 4 eram da África do Norte<sup>5</sup>, 5 da África Ocidental<sup>6</sup>, e apenas uma (RD Congo) da África Central, confirmando a aludida concentração regional do futebol africano.

<sup>1</sup> <https://www.cafonline.com/member-associations/>

<sup>2</sup> Comores, Etiópia, Malawi, Sudão e Zimbábwe.

<sup>3</sup> Argélia, Egito, Marrocos e Tunísia, ficando de fora apenas a Líbia.

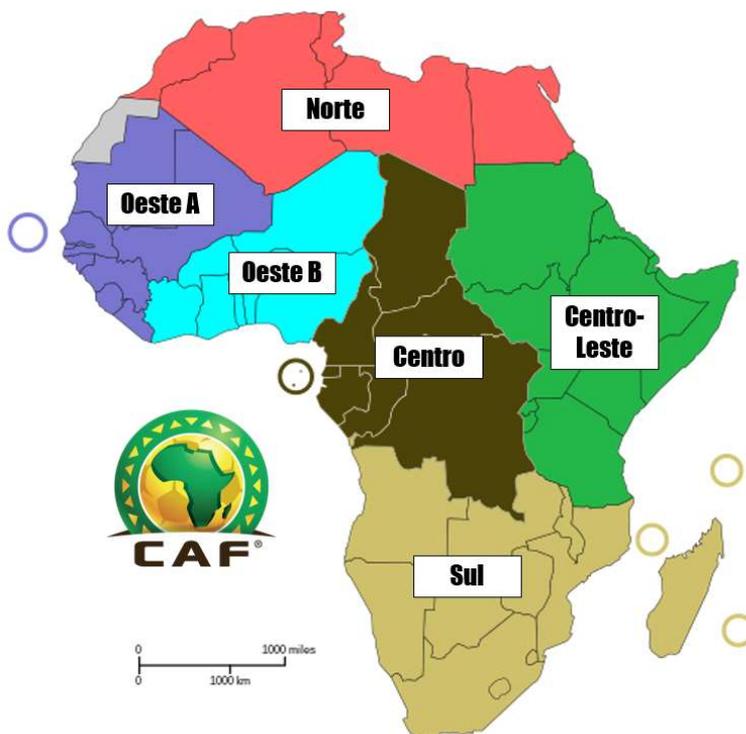
<sup>4</sup> Burkina Faso, Cabo Verde, Costa do Marfim, Gâmbia, Gana, Guiné, Guiné-Bissau, Mali, Mauritânia, Nigéria, Senegal e Serra Leoa.

<sup>5</sup> Também Argélia, Egito, Marrocos e Tunísia.

<sup>6</sup> Camarões (considerando o argumento do Golfo da Guiné), Gana, Mali, Nigéria e Senegal.



Mapa 1: As 6 grandes zonas da Confederação Africana de Futebol (CAF)



Fonte: Adaptado de [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:CAF\\_sub-zones.svg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:CAF_sub-zones.svg)

Afinando um pouco mais a análise, e focando nas seleções mais fortes do continente na atualidade, é interessante notar também um considerável predomínio de países oficialmente muçulmanos dentre estas seleções, em ambos os campeonatos. Dentre os 4 semi-finalistas do CAN 2022, 3 deles (Burkina Faso, Egito e Senegal), além de estarem no Oeste ou Norte da África, têm em comum a religião muçulmana como majoritária e oficial em seus territórios, sendo que Camarões (o outro semi-finalista) também possui uma expressiva população islâmica. Da mesma maneira, dentre as 10 melhores seleções das eliminatórias para a Copa do Mundo, 6 delas se encaixam nesse perfil religioso<sup>7</sup>, igualmente estando concentradas nas regiões previamente destacadas (a exceção, mais uma vez, fica por conta da RD Congo).

<sup>7</sup> Argélia, Egito, Mali, Marrocos, Senegal e Tunísia, ficando de fora Camarões, Gana, Nigéria (os três com uma importante população muçulmana) e RD Congo.



Assim, o fato de Senegal e Egito se apresentarem como as mais fortes seleções africanas da atualidade, contando com os jogadores mais destacados do continente, não é exatamente extraordinário, e sim uma confirmação da força incontestada dos países muçulmanos das regiões Norte e Oeste no futebol africano contemporâneo. Mané e Salah, aliás, são bons disparadores de uma outra discussão, sobre a origem e nacionalidade de jogadores e técnicos do futebol africano de seleções. Para além dos dois maiores astros, o CAN e as eliminatórias colocaram em ação nos gramados africanos outras estrelas do futebol internacional, como o senegalês Édouard Mendy (recém-eleito o melhor goleiro do mundo), o guineense Naby Keïta e o marroquino Achraf Hakimi, dentre outros que jogam nos principais escalões do futebol europeu, reconhecidamente o mais forte e rico futebol do mundo na atualidade.

Falando na Europa, é muito comum que jogadores nascidos em países africanos joguem por seleções europeias, fenômeno existente ao menos desde os anos 1960, com os moçambicanos Eusébio e Mário Coluna sendo os protagonistas de uma das principais seleções portuguesas da história. Atualmente, há vários casos que confirmam a regra, com o angolano Eduardo Camavinga jogando pela França, o bissau-guineense Danilo Pereira vestindo a camisa de Portugal, e seu compatriota Ansu Fati defendendo as cores da Espanha – para ficar apenas em alguns exemplos lusófonos. Um fenômeno oposto, porém, aconteceu no último CAN.

Alterando o sentido tradicional das naturalizações, as seleções de Cabo Verde e Guiné Equatorial, históricas coadjuvantes do futebol africano, resolveram se embrenhar em território europeu para garimpar jogadores nascidos nas ex-metrópoles, mas que por seu baixo desempenho para os padrões europeus, aceitariam representar o país de seus antepassados. O resultado, até agora, tem se mostrado positivo, com Guiné Equatorial avançando para as fases finais do CAN nas duas últimas edições do torneio, e Cabo Verde conseguindo bons resultados – inclusive também passando de fases – ao longo da última década.

Para além dos jogadores, é interessante mencionar também a discussão sobre os treinadores das seleções africanas, especialmente no CAN. De maneira geral, a grande maioria das seleções africanas vêm optando por colocar em suas direções técnicas treinadores europeus de baixíssimo escalão, quase sempre com nenhuma expressividade em seu continente de origem, com raras exceções como Carlos Queiroz (finalista pelo Egito). Ironicamente, contudo, um dos únicos treinadores africanos que comandou seleções no CAN foi Aliou Cissé, ex-jogador da seleção



senegalesa, e que, didaticamente, foi o responsável por levar a seleção senegalesa ao seu primeiro título continental da história, derrotando nos pênaltis o Egito de Queiroz e Salah..

Mais do que ganhar o CAN, Cissé conseguiu também classificar em março o Senegal à sua terceira Copa do Mundo, também derrotando a seleção egípcia nos pênaltis. Além de Senegal, vão à Copa do Mundo no Catar, em novembro, também as seleções de Camarões, Gana, Marrocos e Tunísia, sacramentando assim o concentrado poderio da África Ocidental e do Norte, e dos jogadores muçulmanos, no futebol continental contemporâneo

Assim, respondendo à indagação inicial (ganhar na África ou ganhar o mundo?), a seleção senegalesa mostrou que é possível ser ao mesmo tempo africana e cosmopolita, credenciando-se como a seleção do continente mais apta a, enfim, disputar uma semi-final de Copa do Mundo, feito inédito a qualquer seleção africana até hoje<sup>8</sup>. Com o melhor goleiro do mundo, um dos melhores atacantes da atualidade, e dirigida por uma cabeça orgulhosamente local, não há porque duvidar da seleção que já encantou o mundo 20 anos atrás, ao ganhar da então campeã seleção francesa na abertura da Copa do Mundo de 2002, por curiosidade a quinta (e última) vencida pelo Brasil.

---

<sup>8</sup> O máximo alcançado pelas seleções africanas até hoje foram as quartas-de-final, com os Camarões (1990), Senegal (2002) e Gana (2010), todas eliminadas ou na prorrogação, ou nos pênaltis.